

# LELÉ FILGUEIRAS

## UM ARQUITETO EM TOM DE BOSSA NOVA

Rogério Menezes  
Da equipe do **Correio**

Ele é carioca... ele é carioca... O arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, mais conhecido como Lelé — um dos responsáveis pela construção de Brasília, onde chegou em 1957, época em que a população da região não passava de 2 mil bravos pioneiros —, é um bossanovista de carteirinha. Não por mero acaso. Além de ter nascido no Rio de Janeiro — no subúrbio do Encantado, a 10 de janeiro de 1932 — foi músico amador e, amigo do músico João Donato, participou de alguns saraus musicais que precederam a eclosão do mais importante movimento musical do Brasil nesta segunda metade do século 20.

Na verdade, Lelé Filgueiras só não se tornou um dos pilares básicos da bossa nova (embora jure não ter talento musical suficiente para participar mais ativamente do movimento musical) por obra e graça do destino. Mais exatamente por causa de dois personagens anônimos que cruzaram um dia a vida do garoto que resolveu aprender a tocar piano, por conta própria, aos 5 anos de idade, e, desde os 4, desenhava as corridas de cavalo que ia assistir com o pai.

Uma professora exigente e pouco polida é o personagem 1. Sua culpa: cortou o barato do menino que tocava de ouvido canções populares como *Cavalinho Alazão*, imortalizada por Carmem Miranda. Na primeira aula teórica de música (Maria Emília Ribeiro Filgueiras Lima, a mãe zelosa, insistia para que o filho, ao contrário do pai, também músico de ouvido, tivesse aulas de teoria musical), foi advertido pela autoritária mestra: “A partir de hoje, você só toca lendo partitura”. O menino ficou traumatizado — e a música um pouco mais distante.

Um oficial da Marinha entrou nesta história pelo mais deslavado acaso e se tornou o personagem 2, mais básico ainda para o fato de Lelé Filgueiras vir a preferir a arquitetura à música. No início dos anos 50, quando o jovem estava se inscrevendo para um concurso de datilógrafo, surgiu-lhe um rapaz, aconselhando-o (depois de ver um portfólio com os seus desenhos): “Você não tem que ser engenheiro, você tem que ser arquiteto”. A dica, dado em tom displicente por um desconhecido, foi fundamental: “Veja que loucura. Um sujeito que nem conhecia foi determinante para mudar os rumos de minha vida”, conclui Lelé Filgueiras, mais de quatro décadas depois. O local da declaração: a sala da diretoria da Rede Sarah de Hospitais, projeto arquitetônico de ponta na área de saúde brasileira, que implantou em várias cidades do país — além de Brasília, Salvador, Belo Horizonte, São Luiz e, brevemente, Fortaleza.

### SINFONIA MUSICAL CHAMADA BRASÍLIA

Da fusão dessas duas paixões — desenho e música — surgiu o que se poderia chamar de um arquiteto bossa nova (ou seria um músico com um olhar arquitetônico sobre a realidade que o cerca?). Um homem capaz de ver no mapa de Brasília

uma partitura musical, onde as quadras e superquadras seriam as notas de uma sinfonia — vejam como os conjuntos residenciais e comerciais se superpõem às grandes vias que cortam Brasília e percebam que a visão poética do arquiteto não é tão absurda assim.

Lelé Filgueiras, por conta dessa sincrética visão de mundo em que arquitetura e música são os vértices sagrados da gênese de sua criação, tem dois ídolos. Ambos fundamentais para explicar a arquitetura que faz — e que o transforma num dos grandes nomes do setor atualmente em todo o país: Oscar Niemeyer (que o estimulou a vir para Brasília, logo depois de ele se formar, no Rio de Janeiro). E João Gilberto (“Ele é um Deus”), que costuma ouvir religiosamente, quase todos os dias.

Arquiteto sim, mas sem abrir mão da música — seja por lazer ou fonte de inspiração. Ao invés de caminhar pela cidade ou de praticar outras atividades físicas ao ar livre, como virou mania nos últimos tempos, Lelé Filgueiras dedica duas horas do dia, entre 7 e 9 h da manhã, à atividade musical: ouve canções (“De Carlinhos Brown a Debussy”) e estuda teoria. “Faz parte de minha rotina. Sou obcecado por música”.

Como capricorniano de boa cepa, Lelé Filgueiras não é sistemático apenas quando se trata das atividades, digamos, ligadas ao espírito. Os assuntos e questões profissionais são tratados com rigor e disciplina. “Nunca acho a primeira idéia a melhor. Desenho, redesenho e só depois de longo tempo de reflexão, dou o trabalho por concluído”.

### A PREGUIÇA COMO IMPULSO CRIATIVO

Quando as soluções demoram a surgir, investe no inconsciente — numa solução que os mais preconceituosos poderiam rotular de tipicamente baiana: dorme. Lelé Filgueiras considera o sono um grande aliado da criação. “Depois de horas de repouso, acordo com idéias brilhantes que, rapidamente, transpõem para a prancheta”, confessa.

A incorporação de um atitude, considerada, tipicamente baiana — a preguiça como impulso criativo — não acontece por acaso. O carioca, criado à base de bossa nova, barquinho flinando na lagoa e Cristo Redentor abençoando uma cidade maravilhosa que há muito deixou de existir, sumiu do mapa. Lelé Filgueiras poderia ser definido hoje em dia como um *brasiliense* ou *baliense* — que seria uma tentativa de síntese entre o baiano e o brasileiro.

Lelé divide-se, democraticamente (ou quase), entre as cidades brasileiras que mais ama: Brasília e Salvador. Mas que a capital federal não nos ouça, o arquiteto revela um segredo: “Cá entre nós, confesso. Atualmente estou mais ligado a Salvador, onde moro num pequeno apartamento perto do mar. Talvez pelo fato de conhecer a cidade tão profundamente, tive que penetrar nas suas entranhas para realizar lá um trabalho na área de transporte urbano, criei ligações profundas com a cidade”. É o responsável direto por

uma das marcas de modernidade injetadas nos últimos tempos na tradicionalmente barroca Salvador: instalou coloridas passarelas futuristas sobre grandes avenidas, o que deu à capital da Bahia um gostoso e bem-vindo toque de contemporaneidade.

Quanto a Brasília, bem, Lelé não consegue deixar de amá-la. Afinal está no Planalto Central desde 1957, casou-se três anos depois com a paisagista Alda (“Era, simbolicamente, 1960, e posso dizer que casei *na e com* a cidade”). Desse casamento, nasceram três filhas — todas brasileiras. “Atualmente estou atuando por aqui numa atividade complementar. A essência da cidade começou a fugir ao meu controle, mas ainda a amo profundamente”. Como para confirmar o que afirma, declara: “Mas, na verdade, vivo na ponte aérea entre as duas cidades”.

Além de ajudar a construir Brasília, Lelé Filgueiras foi professor de Teoria da Construção na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), de onde se desligou em 1964 por motivos políticos: “Integrava o Partido Comunista, o Partidão, mas nunca fui uma liderança importante. Mesmo assim, fui desligado da universidade depois do golpe militar de 1964 e só pude voltar a ensinar depois da anistia, no final dos anos 70. Mas nunca fui preso ou torturado, portanto nunca sofri em prisões”.

O mesmo não se pode dizer em relação aos hospitais — e isso ajuda a compreender a maneira aplicada, e genial, com que vem tratando a arquitetura dos grandes espaços hospitalares do país nos últimos anos. Em 1990, vítima de um enfarte, o arquiteto foi internado no Incor em São Pau-

lo. “Fiquei 20 dias numa unidade coronariana que mais parecia um inferno — e olha que se tratava de um grande hospital”, declara, emocionado. “Vivi uma situação de total pavor, uma situação que não desejo que ninguém viva, jamais”, conclui.

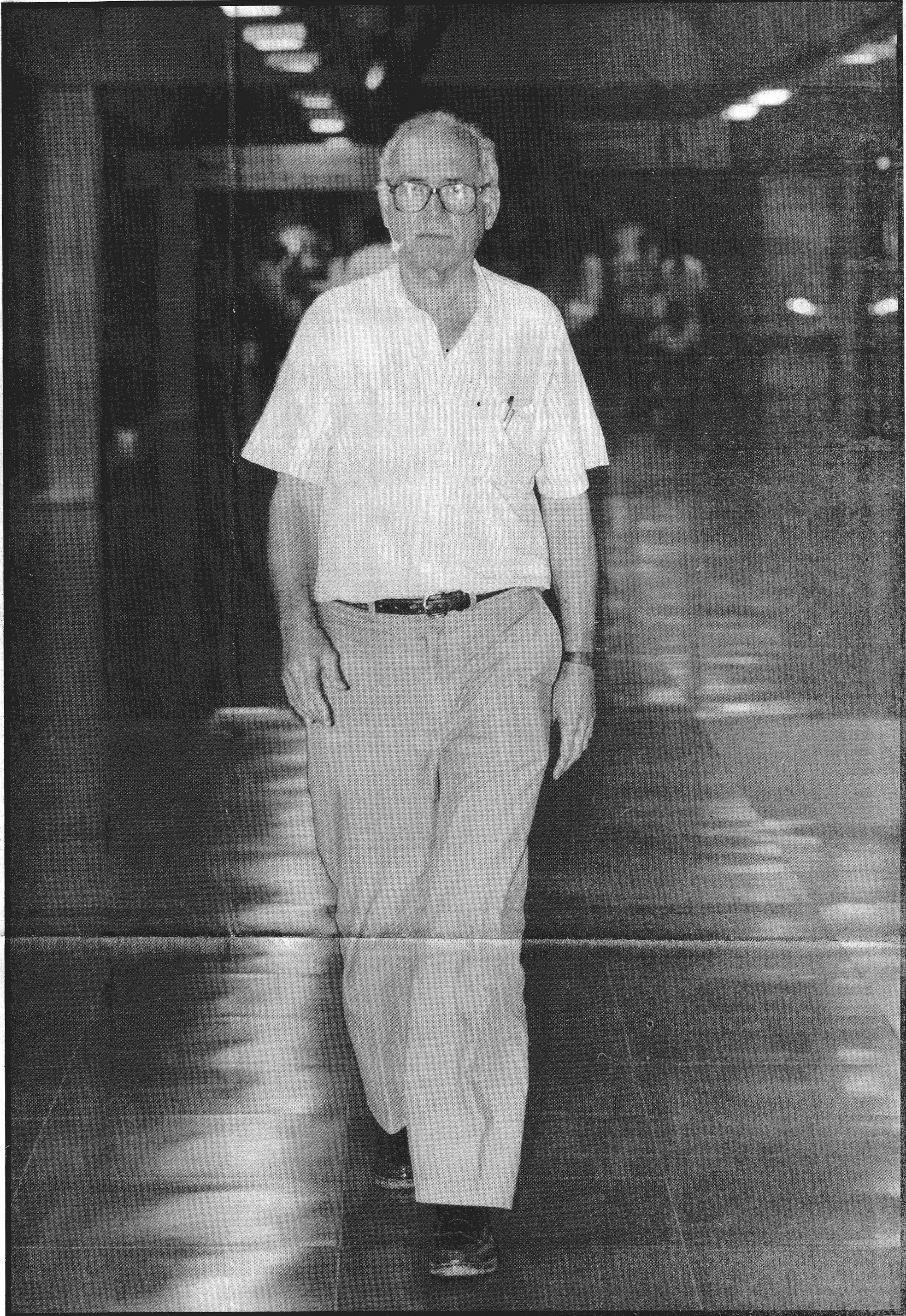
A partir de então, a idéia de planejar e construir hospitais diferenciados — atividade que vinha fazendo desde antes do enfarte — se consolidou ainda mais em sua cabeça. Um fato que aconteceu há pouco mais de dois anos o emocionou profundamente, e reforçou ainda mais a necessidade de se dedicar cada vez mais à criação de locais onde os doentes não se sintam na ante-sala do inferno. “Um amigo teve câncer, estava em estado terminal, e decidiu sair do lugar onde estava para se instalar no hospital da Rede Sarah em Salvador. Durante o pouco tempo que sobreviveu, era levado a

passar pelos jardins, tomava sol e não tenho dúvidas: morreu feliz”.

Aos 66 anos, Lelé Filgueiras não se permite sonhar. Não acredita mais em soluções definitivas para as grandes cidades do país (“só resta o caos”) e muito menos no credo socialista que um dia defendeu com garra nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro (Partidão). “Agora minha única realização é saber que as soluções arquitetônicas criadas por mim podem dar um pouco mais de felicidade às pessoas com doenças graves”.

O garoto Lelé (chamado assim desde os tempos em que jogava futebol nos campos de várzea do Rio de Janeiro, em homenagem a um meia-direita do Vasco da Gama) pode não ter virado João Gilberto. Mas, como o papa da bossa nova, ajuda, de maneira fundamental, a tornar o mundo um pouco mais habitável.

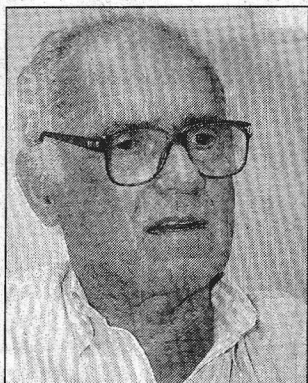
Fotos: Raimundo Paccó



### UM CORAÇÃO E DUAS CIDADES

*Lelé Filgueiras, aos 66, anos admite um certo xodó por Salvador, onde mora, mas se recusa a abandonar Brasília, onde mora a família: “Não sei.. não sei se algum dia vou conseguir decidir em qual delas devo ficar para sempre. A verdade é que amo e odeio as duas cidades com a mesma intensidade”*

### FRASES



*“O pós-moderno é um hiato na história da arte, um embuste, nada mais que um golpe de marketing. Não vai sobrar nada dessa tendência artística no futuro”*

*“Como arquiteto, acho que fiz muito mais do que faria como músico. Nunca conseguiria ser tão genial quanto um Tom Jobim ou um João Gilberto, por exemplo”*

*“O neoliberalismo precisa ser revisto, não dá mais. O ser humano não tem condição de suportar o mundo como é hoje. A miséria dos povos precisa acabar”*

*“Atualmente leio muito sobre genética, clonagem, essa coisa de DNA. Parece algo diabólico. Tudo que Huxley previu em livro começa a virar realidade. É assustador”*